

A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS

ESCUTAS
ANTROPOLÓGICAS
E POÉTICAS DAS
INFÂNCIAS

A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS

ADRIANA FRIEDMANN

ESCUTAS
ANTROPOLÓGICAS
E POÉTICAS DAS
INFÂNCIAS



© Adriana Friedmann

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

Conselho editorial
Josca Ailine Baroukh
Marcello Araujo
Shirley Souza

Projeto gráfico
Marcello Araujo

Ilustração de capa
Veridiana Scarpelli

Diagramação
Daniel Argento

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Márcio Della Rosa

Impressão
Lis Gráfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

Friedmann, Adriana

A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. Adriana Friedmann. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2020. 200 pp.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7888-753-7

1. Educação. 2. Formação de professores. I. Título.
Bibliotecário: Wagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

2020-58

CDD: 370.71
CDU: 371.13

2020

Todos os direitos reservados à Panda Educação.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou compartilhada por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

- 9 Agradecimentos
- 11 Às crianças de todos os cantos, por Adriana Friedmann
- 15 Prefácio, por Jean-Pierre Rossie
- 17 Apresentação
- 24 **Memórias e raízes multiculturais infantis: a importância das histórias de vida**
- 30 **Os essenciais da infância: para início de conversa**
 - 30 Infâncias e crianças
 - 32 Naturezas e culturas infantis
 - 34 Diversidade
 - 35 Multiculturalidade
 - 37 Autoria, protagonismo e participação infantil
 - 41 Adultocentrismo
 - 44 Educação Integral
- 46 **Infâncias das crianças do século XXI: singulares, universais, complexas, multiculturais**
 - 54 Tempos e espaços para viver as infâncias
 - 55 Crianças na natureza e em zonas rurais
 - 58 Crianças em zonas ribeirinhas
 - 60 Crianças nas cidades
 - 66 Crianças na escola
- 68 **Expressões infantis: linguagens não verbais, culturas e narrativas diversas**
 - 68 Corpo, gesto e movimento
 - 70 Linguagens artísticas
 - 73 Música
 - 75 Brincadeiras, ludicidade
 - 88 Teatro
 - 89 Literatura, contos, histórias e outras narrativas
 - 90 Sonhos

92 Complexidade do ser criança: temperamentos, interesses e vínculos

- 94 Temperamentos, necessidades e interesses
- 99 Ritmos e tempos no cotidiano das crianças
- 103 Brinquedos e consumo
- 106 Mudanças nos vínculos, nas relações e nos papéis

110 Olhares diversos sobre as crianças e as infâncias: as crianças e seus mundos

- 110 Algumas referências e princípios
- 114 A arte de escutar e observar crianças
- 130 Outros olhares e camadas de escuta e observação
- 135 Olhares fenomenológicos, psicanalíticos e microgenéticos

139 Delicadezas do escutar as crianças e seus mundos: respeito, ética, presença e comunicação

- 139 Ética
- 147 Caminhos e possibilidades de escuta e observação
- 162 Princípios: respeito, presença e comunicação
- 165 Formação de pesquisadores no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo

172 Perspectivas e desafios: acolher conhecimentos e produções das crianças

- 174 Desafios dos profissionais
- 175 Reflexões finais e início de outras conversas...

178 Posfácio

- 178 Carta de uma criança que ainda há de ser

183 Para saber mais: iniciativas inspiradoras que dão vez e voz às crianças

- 183 Iniciativas no Brasil
- 188 Pesquisas, formação e publicações
- 190 Iniciativas em outros países

192 Referências bibliográficas

*Dar voz às crianças: desafio e prioridade,
porque as crianças me inspiram sempre!*

Agradecimentos

Aos meus filhos Karen, Andrea e Nicolas, sempre juntos, sempre compartilhando histórias, ideias, projetos, angústias e alegrias: vocês sempre foram e são a principal fonte de inspiração e esperança que cultivo nos seres humanos, nos seus valores e na força dos vínculos e do amor pela vida.

Às crianças com quem já trabalhei, convivi e que tive contato por meio de tantos projetos, comunidades, escolas e organizações por onde passei; e a todas aquelas que não conheci diretamente, mas sim por meio dos meus alunos-e-educadores: elas têm sido a grande motivação e inspiração de toda a minha obra e do meu ativismo desde sempre, a razão de todo o trabalho que tenho desenvolvido, voltado para a defesa de suas vozes e do direito a viverem infâncias dignas, profundas e significativas.

À Josca Ailine Baroukh, grande parceira de muitas empreitadas e, muito além, queridíssima amiga-irmã com quem tenho compartilhado tantas ideias, inquietações e projetos em longas conversas regadas a cafés, saídas e imenso afeto e respeito: a parceira que ajudou a dar à luz este filhote.

A Jean-Pierre Rossie, antropólogo belga que acompanho há muitas décadas, cujo trabalho admiro e tenho como referência de respeito pelas crianças e suas infâncias: agradeço sua parceria e entusiasmo.

À Casa Tombada, nas figuras de seus idealizadores, Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, que acolheram de

braços e corações abertos o curso de pós-graduação que inspira este livro e onde os temas aqui tratados são efetivamente aprofundados, vivenciados e debatidos: obrigada pelo carinho e parceria cotidiana.

A todos os parceiros que compõem a rede de professores e orientadores que fazem parte do curso de pós-graduação, contribuindo com seus conhecimentos e experiências no enriquecimento deste tema: “Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”.

Aos meus alunos, aos atuais e aos de tantos cursos, vivências e palestras que tenho ministrado no decorrer de mais de quarenta anos, os quais se tornaram, cada um a seu modo, meus interlocutores e mestres inspiradores: obrigada pela confiança e pelo carinho que sempre me motivam a continuar.

A todos os que participaram dos grupos de pesquisa que fui formando no decorrer dos anos e que desenharam junto as diversas pesquisas que deram vez e voz às crianças: sem vocês não existiriam tantos olhares e escutas sensíveis e poéticas para as infâncias.

ÀS CRIANÇAS DE TODOS OS CANTOS

por Adriana Friedmann

Gostaria de pedir licença a vocês, crianças, como porta-vozes dos adultos, para nos permitirem adentrar e conhecer um pouquinho dos seus universos.

A maior parte de nós esqueceu que um dia já foi criança. Esqueceu o quanto adorava brincar, esconder-se, compartilhar e guardar segredos, brincar de super-herói, de casinha, de médico, de pega-pega, de empinar pipa; enfim, de ficar à toa, rabiscar o mundo, sair disparados correndo ou dançando; o quanto cada um de nós curtia pintar, desenhar, sonhar. Aprendemos muito com nossos pais e avós e, mais tarde, com nossos vizinhos, primos e amigos da escola. Sentíamos receio de não sermos aceitos, de sermos rejeitados pela nossa turma, de levar bronca dos nossos pais e professores. Detestávamos quando éramos pressionados ou quando descobriam nossos segredos e planos – e, pior, quando acabavam com eles. Claro que, como qualquer criança, sempre quisemos ser livres e fazer só aquilo de que gostávamos. Talvez, as maiores lições aprendemos com a dor dos castigos, com as frustrações e rejeições.

Não sei se vocês sabem que, antigamente, crianças tinham poucos direitos e muitas obrigações, raramente eram ouvidas ou podiam dar sua opinião, ou dizer o que sentiam ou

o que queriam. Quiçá, os que mais nos escutavam – e continuavam a escutar as crianças – eram nossos avós.

Por outro lado, crianças tinham muito tempo, brincavam e conviviam com crianças de idades diferentes, tinham a rua e muitos espaços de natureza sempre perto e disponíveis para brincar.

Hoje, parece que os relógios correm mais depressa e que o dia nunca é suficiente para vocês, crianças, terem brechas para brincar.

Hoje os tempos e corpos estão “tomados” pelos celulares, videogames e conexões nas redes sociais.

Hoje, o mercado lhes oferece muitas promessas de que os brinquedos e outros itens de consumo vão lhes levar “alegria” ou “felicidade”, sendo que o que de verdade vocês almejam – mesmo que não tenham essa consciência – é viver plenamente os seus tempos de infância, descobrir e aventurar-se em diversas experiências e, com seus corpos e suas essências, conhecer o mundo, as pessoas e os territórios à sua volta.

Devido a todas essas percepções de como a infância costumava ser, nem faz tanto tempo atrás – aqui no Brasil e mundo afora –, por percebermos como a infância é hoje e pela oportunidade de muitos pesquisadores, ativistas, educadores e profissionais das mais diversas áreas de conhecimento estarem contribuindo com muitas novas descobertas, evidências e experiências sobre as realidades e universos infantis, estamos todos aprendendo o quanto é importante escutar vocês e dar espaço e tempo para que possam se expressar, brincar, conviver, descobrir e viver infâncias plenas.

Temos observado que hoje o tempo livre de vocês, crianças, está tomado por tantas atividades! A pressão é muito

grande por parte do mundo dos adultos, que estão ansiosos para que vocês aprendam logo e muito sobre este mundo!

Estão ansiosos para que vocês se preparem para o futuro e não percebem a importância do aqui e do agora, do momento de vida presente de cada um de vocês.

Temos evidenciado que, apesar de tantas conquistas e consciência da importância de garantir espaços amigáveis para vocês, os espaços da rua e da natureza são raros.

E muitos adultos se incomodam com a presença de vocês em determinados lugares.

E vocês têm ficado tristes, doentes, angustiadas, agressivas, muitas vezes.

Mas muitos de nós, adultos – pais, professores, cuidadores, gestores –, estamos descobrindo que vocês possuem um repertório imenso de saberes, códigos, brincadeiras, narrativas e linguagens que nós desconhecemos.

Gostaria de perguntar a vocês, por meio desta carta – como aquelas que se costumava escrever quando existia papel de carta, envelope, caneta e lápis e que eram mandadas pelo correio – se podemos ficar mais perto de vocês, conhecer e aprender suas brincadeiras, conversar sobre suas vidas, construir junto com vocês os sonhos das cidades que queremos, ler e tentar entender, junto com vocês, o que dizem seus desenhos e pinturas, o que vocês querem dizer quando cantam, quando dançam, quando rabiscam e falam sozinhas. Será que podemos aprender, através dos seus olhares, dos seus sentimentos e das suas vozes, quem vocês são de verdade?

Sabe, muitas vezes os adultos olham para vocês e é como se estivessem na frente de um espelho que faz com

que eles se lembrem de que um dia também foram crianças e que tinham sonhos, tempo e muito para conquistar.

Mas vou contar um segredo: a bem da verdade, todos os adultos levam viva, dentro de si, a sua criança e um baú repleto de memórias.

E vocês nos evocam essas lembranças e a importância dessa fase da vida – a infância – cada vez que conseguimos nos conectar verdadeiramente com vocês.

Agora, queremos caminhar para oferecer a vocês mais tempo, espaços, ouvidos atentos, olhos de ver e nossa inteira presença para, com muito vagar, vocês nos guiarem pelos seus mundos e, a partir das suas vozes e expressões, nos darem a oportunidade de nos deixar levar por vocês para aprender o que cada uma tem a nos contar e a nos ensinar.

Nós, adultos, temos nossos saberes.

Mas vocês têm saberes que nós desconhecemos e tantos outros que esquecemos.

E com todos esses saberes infantis, queremos contribuir para poder melhorar nossas cidades, nosso dia a dia, nossos espaços e enriquecer a educação e a cultura da vida de toda a sociedade.

Vamos juntos?

Então nos dão licença para olharmos pelas frestas das suas vidas e conhecer mais sobre vocês?

PREFÁCIO

por Jean-Pierre Rossie¹

O livro *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias* abre várias perspectivas, pois trata-se de um estudo pedagógico e científico, de um tratado filosófico e ético de ações educativas e socioculturais.

É notável discutir tantos temas e contextos e conseguir integrar nesse esforço a continuidade e a mudança. Este livro não mergulha em absoluto na nostalgia por uma infância do passado, quando ser criança era menos dominado pelo mundo dos adultos e pela indústria de brinquedos, do entretenimento e da mídia. Ao contrário, a autora nos fala especialmente das crianças do mundo de hoje, tão diversificadas, mas ao mesmo tempo sob a influência da globalização e da informatização.

Adriana Friedmann nos oferece uma análise das crianças, suas condições de vida e da diversidade de ambientes ecológicos, culturais, educacionais e sociais em que crescem. Embora ela cite muitos problemas vividos pelas crianças,

1 Jean-Pierre Rossie é antropólogo sociocultural e pesquisador associado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa (<https://ucp.academia.edu/JeanPierreRossie>).

assim como pelos pais, educadores e outros adultos envolvidos, não se limita aos aspectos negativos, mas aponta também os aspectos positivos das crianças e dos seus entornos.

No capítulo “Olhares diversos sobre as crianças e as infâncias” há um vislumbre instrutivo sobre o desenvolvimento da antropologia e da sociologia das crianças e da infância. O capítulo seguinte, sobre os aspectos éticos e metodológicos da pesquisa com crianças e sobre elas, é muito importante. No final deste livro, Adriana propõe uma discussão útil e detalhada sobre as práticas de escuta e observação de crianças e de seus ambientes.

A mensagem fundamental de *A vez e a voz das crianças* é de não só respeitá-las e tornar-se aprendiz do que elas pensam, acreditam, comunicam e criam, mas também de respeitar seus segredos.

Pessoalmente estou convencido de que as crianças desempenham um papel ativo e importante na aprendizagem, transmissão e adaptação de muitos aspectos relacionados ao desenvolvimento dos indivíduos, das culturas e das sociedades e que, portanto, é necessário não apenas promover seus direitos, mas também valorizar suas contribuições. Nessa perspectiva, este livro constitui uma obra maior.

APRESENTAÇÃO

*Nascem crianças todos os dias,
a toda hora, em todos os cantos.
Crianças são um milagre da natureza,
seres únicos e complexos de decifrar.
Infâncias já se tornaram construtos culturais
que integram famílias e comunidades diversas.
Para alguns, crianças são uma alegria,
para muitos, grande mistério,
para outros, um estorvo...
E nos debatemos entre acolhê-las do jeito que são
ou adaptá-las, mesmo que não se encaixem...
Crianças mal imaginam o quanto revolucionam nossas vidas
quando elas chegam neste mundo!
A cada criança que nasce,
a vida e o mundo começam mais uma vez
e nós, adultos, nos surpreendemos, nos questionamos,
nos aventuramos por caminhos que nos ajudem a entendê-las.
Muitos olhares, muitos colos, muitas expectativas,
muitos palpites, muitas regras.
Mas afinal, sabemos o que habita
na alma e no coração de cada criança?
Só poderemos descobrir deixando-as serem quem são,
só deixando-as viverem suas infâncias!
Desafio para todos nós!*

Inúmeros segmentos da sociedade têm lançado luz sobre a área da infância e das crianças. Há longas-metragens, sites, vídeos e documentários, exposições fotográficas, estudos, pesquisas e publicações sobre crianças, prêmios, editais, concursos. Enfim, uma lista interminável de atores e segmentos sociais que, a partir de estudos, interesses específicos, informações e conhecimentos disponíveis, têm colocado o tema infância e as crianças como prioridade, bandeira e até modismo.

Inúmeros aspectos, temas e objetos de interesse têm pautado as agendas desses diversos atores sociais: a qualidade de vida das crianças; a importância de espaços livres e junto à natureza; a diminuição do consumismo; propaganda imprópria; hiperestimulação; pressão escolar precoce; agendas lotadas; hipnotismo e as incontáveis horas em que as crianças ficam grudadas em frente às telinhas; terceirização do cuidado das crianças pelas famílias; falta de referências quanto à educação dos filhos; ausência de segurança em inúmeros contextos e situações; questões de alimentação inadequada e doenças que têm afetado as atuais gerações de crianças; questões de gênero; reflexão e busca de adultos pelo equilíbrio entre o tempo livre e as atividades direcionadas às crianças. Uma relação de temas, realidades e polêmicas que não se esgotam por aqui e que não param de crescer.

Projetos, programas governamentais, estaduais ou municipais têm sido oferecidos nos mais diversos espaços, ambientes e organizações, assim como uma ampla rede de mobilização e campanhas defendendo os direitos na área da infância são destaque na mídia. O foco e os investimen-

tos de esforços e recursos no aprimoramento e adequação de propostas educacionais para as crianças nos séculos XX e XXI – tanto em instituições escolares, espaços públicos e comunitários, quanto a partir de iniciativas não formais – mostram-se a tônica no panorama das infâncias no Brasil e no mundo.

Novos conceitos e ações têm trazido à tona as significações que as crianças atribuem aos diversos aspectos do estilo de vida que levam, considerando comportamentos, representações e contextos de naturezas múltiplas. Mas, assim como há propostas sérias, conscientes e comprometidas, os modismos também se instauram e povoam redes sociais, discursos e, muitas vezes, se tornam *oportunidades de negócios*, de interesses ou de promoção de diferentes grupos sociais.

Muitos recursos têm sido investidos ao longo das últimas décadas em programas, espaços, projetos e produções. Infelizmente, na sociedade brasileira, as raízes e as histórias são facilmente descartáveis, esquecidas, voláteis. Assim, tempo, recursos humanos, ideias criativas e adequadas para os diversos segmentos que dizem respeito à vida das crianças têm tido vida curta. E quem é mais afetado, afinal, na ponta? As crianças, suas famílias e as comunidades em que moram, crescem e se desenvolvem.

Nesse sentido, escutas e pesquisas com crianças constituem uma pauta urgente para adentrar e compreender seus universos e poder (re)conhecê-las em suas diversidades e singularidades. No caminho de observar, escutar, dar voz a elas e propiciar espaços de expressão, é necessário reconhecê-las como atores sociais, apontando a pluralidade de

suas culturas e linguagens. Possibilitar que crianças vivam plenamente suas infâncias a partir de suas expressões e ressignificar ações adequadas a interesses e necessidades dos diversos grupos infantis – na família, na escola, na comunidade – é o grande desafio que se apresenta para a vida e a educação das novas gerações.

A partir dessas premissas, como educadora e antropóloga, tenho promovido, no decorrer de mais de quarenta anos, inúmeros cursos de formação e orientação de pesquisadores e educadores em processos de escuta, observação e conhecimento de crianças, de suas linguagens, atividades e comportamentos em vários grupos infantis. Entre 1980 e 2000 me debrucei como ativista, formadora, pesquisadora e escritora sobre as temáticas do brincar, dos espaços lúdicos e do desenvolvimento integral das crianças. Movida pela minha inquietação de dar voz às crianças, a partir da década de 2000 comecei a desenvolver processos de formação e pesquisas sobre esse tema, como cursos de antropologia da infância e processos de escuta, observação e pesquisas com crianças, nos formatos de cursos de pós-graduação *lato sensu* (em faculdades) e cursos de extensão; pesquisas elaboradas pelo núcleo de estudos que coordeno, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento (NEPSID)²; cursos e pesquisas desenvolvidas no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc São Paulo e na comunidade de aprendizagem Mapa da Infância Brasileira³, onde desenvolvemos pesquisas entre diversas comunidades

2 Disponível em: <http://www.nepsid.com.br/>. Acesso em: 9/10/2019.

3 Disponível em: <https://www.facebook.com/mapainfanciabrasileira/>. Acesso em: 9/10/2019.